

**COMO DAVI KOPENAWA, SENDO UM CONTADOR DE HISTÓRIAS, DÁ
CONSELHOS, OU SENÃO, ENSINA A ARTE DE NARRAR A WALTER
BENJAMIN?**

**HOW DOES DAVI KOPENAWA, AS A STORYTELLER, GIVE A PIECE OF
ADVICE OR TEACH THE ART OF STORYTELLING TO WALTER BENJAMIN?**

Brena Suelen Siqueira Moura¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4140-0230>

Resumo: Davi Kopenawa, um xamã e porta-voz Yanomami contemporâneo, acredita que, se os brancos, que vivem em um mundo ignorante, conseguirem ouvir suas palavras, talvez, possam ajudar uns aos outros a evitar ou, ainda que seja, adiar a queda do céu. Walter Benjamin afirma que a arte de narrar está em vias de extinção no ensaio *O Contador de Histórias* de 1936. Para Benjamin, a arte de narrar desfaleceu na medida em que se deu o período moderno em uma analogia com a consolidação do capitalismo. Nada mais justo evocar o provérbio *Se conselho fosse bom, ninguém dava, vendia*. Porém, Davi Kopenawa parece ir contra a tal ordem capitalista ao propor outra visão de mundo com suas narrativas cosmogônicas. Nesse sentido, este artigo pretende confrontar a figura do contador de histórias indígena ao contador de histórias moderno, proposto por Benjamin, considerando não somente a arte de narrar, como também, de dar conselhos. Indo além, proponho uma reflexão sobre as palavras de Davi Kopenawa ao lançar a seguinte proposição: como Davi Kopenawa, sendo um contador de histórias, dá conselhos, ou senão, ensina a arte de narrar a Walter Benjamin? Para tal, este artigo fará uma articulação entre a textualidade indígena Yanomami e o ensaio benjaminiano para a construção de uma Teoria Literária Ameríndia como um convite para a escuta imaginativa de outros mundos possíveis.

Palavras-chaves: Davi Kopenawa. Walter Benjamin. Contador de histórias. Teoria Literária Ameríndia. Teoria Literária.

¹. Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora na Universidade do Estado do Pará (UEPA). Este artigo foi produzido a partir de reflexões germinadas ao longo da participação como aluna especial na disciplina Oralidade e Literatura ofertada pelo Programa de Pós- Graduação em Letras – PPGL da Universidade Federal do Pará (UFPA). A disciplina foi ministrada pela prof.^a Dra. Izabela Leal de setembro a dezembro de 2020 via plataformas Google Meet/ Google Classroom. Email para contato: brenamoura@gmail.com

Abstract: Davi Kopenawa, a contemporary Yanomami shaman and spokesman, believes that if white people, who live in an ignorant world, could hear his words, perhaps they would help each other to avoid or even postpone the falling sky. Walter Benjamin argues that the art of storytelling is already extinct in his essay *The Storyteller* from 1936. For Benjamin, the art of storytelling collapsed as the modern period took place in a consolidating capitalism analogy. It is fair enough to evoke the proverb *Advice when most needed is least heeded*. However, Davi Kopenawa seems to go against such a capitalist order by proposing another worldview with their cosmogonic narratives. In this sense, this article aims to confront the indigenous storyteller with the modern storyteller, proposed by Benjamin considering not only the art of storytelling, but also the art of counselling. Furthermore, I propose a reflection on Davi Kopenawa's words by launching the following proposition: how does Davi Kopenawa, as a storyteller, give a piece of advice or teach the art of storytelling to Walter Benjamin? This article will also articulate Yanomami indigenous narrative and Benjaminian essay to build an Ameridian Literary Theory as an imaginative listening invitation to other possible worlds.

Keywords: Davi Kopenawa. Walter Benjamin. Storyteller. Ameridian Literary Theory. Literary Theory.

Davi Kopenawa (2015, p. 52) é “um xamã e porta-voz Yanomami contemporâneo”, como o descreveu o antropólogo Bruce Albert em *A Queda do Céu*, publicado pela primeira vez em francês e inglês, seguido pela versão em português em 2015. Mediante Davi Kopenawa, Bruce Albert teve que abrir os ouvidos para poder ouvi-lo. Duas posições foram necessariamente estabelecidas para que essa comunicação funcionasse: uma pessoa que fala e outra que é capaz de escutar suas palavras.

Entretanto, na visão de Davi Kopenawa, não bastava somente que Bruce Albert fosse capaz de ouvir suas palavras. Era necessário ir além, isto é, espalhar suas palavras para os brancos. E é exatamente isso que Davi Kopenawa (2015, p. 66) deixa bem claro em suas primeiras falas. “É por isso que eu gostaria que eles ouvissem minhas palavras através dos desenhos que você fez delas, para que penetrem suas mentes.” Davi Kopenawa reforça continuamente este desejo: o antropólogo, que está ouvindo suas palavras, levaria essas palavras aos brancos, “que não sabem nada de nós”. Davi Kopenawa acredita que, se os brancos, que vivem em um mundo ignorante, conseguirem ouvir suas palavras, talvez, possam ajudar uns aos outros a evitar ou, ainda que seja adiar, a queda do céu.

Walter Benjamin (1987, p. 197) afirma que, a arte de narrar está em vias de extinção, no ensaio “O Contador de histórias ² - Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, publicado pela primeira vez em 1936. Benjamin afirma que a arte de narrar desfaleceu na medida em que se deu o período moderno. Se antes havia a epopeia de Homero com Ulisses, um homem forte e com grandes feitos, pronto para compartilhar suas experiências com seu povo, sendo fruto de sabedoria para muitos e modelo de conduta exemplar, nos tempos modernos, “são cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente.”

De acordo com os ensinamentos de Benjamin, uma analogia entre a consolidação do capitalismo, a ascensão da burguesia, juntamente com a invenção da imprensa é válida ao considerarmos que todos estes fatores ocasionaram o empobrecimento de troca de experiências entre os homens.

Em janeiro de 2020, tive a oportunidade de comparecer ao *Colloquium Internacional Amazon's Rising Violence And Disturbing Trends* organizado por Marcos Cólón (Florida University) na Universidade de Oxford, Reino Unido. Nesta ocasião, o modo como vive nossa sociedade moderna ocidental foi bem explicado pelas palavras do grande homem Raoni Metuktire, líder indígena caiapó:

Vejo aqui que vocês só vivem de dinheiro. Tem que trabalhar para conseguir dinheiro para comprar comida. No nosso caso, é diferente. Nós caçamos, plantamos nosso jardim. Não precisamos de dinheiro para isso. Aqui vocês dependem muito de dinheiro. Nós não dependemos de dinheiro, dependemos da floresta, do rio, de ter terra para plantar (...). ³

Vejo aqui que vocês só vivem de dinheiro. Tem que trabalhar para conseguir dinheiro para comprar comida. No nosso caso, é diferente. Nós caçamos, plantamos nosso jardim. Não precisamos de dinheiro para isso. Aqui vocês dependem muito de dinheiro. Nós não dependemos de dinheiro, dependemos da floresta, do rio, de ter terra para plantar (...). ⁴

Paul Zumthor (1987, p. 7), em *Introdução à Poesia Oral*, ao comentar sobre a pesquisa de Ruth Finnegan, afirma que ela “(...) acentua as formas poéticas ligadas, de modo

² Acerca da tradução do título do ensaio benjaminiano em português é comumente encontrado o termo Narrador para a palavra referente em alemão *Der Erzähler*. No entanto, o termo também pode ser lido como O Contador de Histórias. Versão escolhida por mim neste artigo.

³ Transcrição de áudio extraída de arquivo pessoal feita por mim. Esta gravação foi registrada no dia da conferência.

⁴ Idem.

direto ou indireto, às tradições antigas e às culturas pré-industriais.” Retomando a fala de Raoni Metuktire, é possível supor que os povos indígenas vivem sob a lógica das civilizações pré-industriais. Isto quer dizer que eles estão fora de uma ordem capitalista ao não serem dependentes de dinheiro para (sobre)viver.

Nesse sentido, este artigo pretende articular a figura do contador de histórias indígena ao contador de histórias moderno, ou seja, não-indígena, proposto por Benjamin ao levar em consideração não somente a arte de narrar, como também, de dar conselhos. Indo além, proponho uma reflexão sobre as palavras de Davi Kopenawa ao lançar a seguinte proposição: como Davi Kopenawa, sendo um contador de histórias, dá conselhos, ou senão, ensina a arte de narrar a Walter Benjamin?

Para tal, proponho pensar, em um primeiro momento, na fluidez da figura do contador de histórias indígena. Benjamin propõe dois tipos de contadores de histórias, a saber: o primeiro é *quem viaja muito tem o que contar* e o segundo, quem *conhece suas histórias e tradições*. No caso de Davi Kopenawa, ele viaja todas as noites ao sonhar com os *xapiri*, como também, para o mundo dos brancos. Além disso, ao retornar aos seus, tanto ao acordar pela manhã, ou senão, de viagens, ele transita entre estas duas figuras propostas por Benjamin, pois, agora, tem muito o que contar.

Em um segundo momento, pretendo investigar a natureza da narrativa indígena de Kopenawa a partir da análise de fragmentos de *A Queda do Céu*. Para Benjamin, a natureza da narrativa tradicional situa-se em uma dimensão utilitária. Nada mais justo evocar o provérbio *Se conselho fosse bom, ninguém dava, vendia*. Porém, Davi Kopenawa parece ir contra a tal ordem capitalista ao propor outra visão de mundo com suas narrativas cosmogônicas.

Em um terceiro momento, pensarei em como o conselho do xamã yanomami, carregado de uma linguagem de resistência e apelo, ganha uma nova potência. Assim ele diz:

Não sou um ancião e ainda sei pouco. Entretanto, para que minhas palavras sejam ouvidas longe da floresta, fiz com que fossem desenhadas na língua dos brancos. (...) Por isso quero mandar minhas palavras para longe. Elas vêm dos espíritos que me acompanham, não são imitações de peles de imagens que olhei. Estão bem fundo em mim (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 76).

Davi Kopenawa, que tem sua sabedoria ligada à tradição, aos seus antepassados, ainda que jovem, aconselha Bruce Albert que leve suas palavras para longe. “O contador de histórias é um homem que sabe dar conselhos”, diria Walter Benjamin (1987, p. 200) ao ligar a ideia de conselho à tradição, o que culmina em sabedoria. Benjamin (1987, p. 208), entretanto, entende que “A morte é a sanção de tudo o que o narrador pode contar. É da morte que ele deriva sua autoridade.” A partir da citação de Benjamin, é possível inferir que as narrativas tradicionais somente recebem o status de autoridade, isto é, ganham potência para serem transmitidas, após a morte daquele que as proferiu. Todavia, as palavras de Davi Kopenawa carregam a urgência de serem ouvidas. Neste sentido, a última parte deste artigo articulará a potência das palavras de um vívido xamã yanomami.

Para tal, este artigo se concentrará na última parte de *A Queda do Céu*, especificamente nos quatro primeiros capítulos intitulados “Falar aos Brancos”, “Casas de Pedra”, “Paixão pela Mercadoria” e “Na Cidade”. Por fim, este artigo fará, ao longo desses três movimentos, uma articulação entre a textualidade indígena Yanomami e o ensaio benjaminiano para a construção de uma Teoria Literária Ameríndia.

A fluidez permanente

O processo de transformação de um xamã se inicia a partir das primeiras experiências com o pó *yãkoana*. Os *xapiri*, espíritos xamânicos, pouco a pouco se sentem à vontade para descenderem das montanhas para executar sua dança e cantarem. A sabedoria xamânica não é adquirida através de livros, mas, sim, da floresta. Os cantos vindos de lugares remotos da floresta estão carregados de sabedoria. Os cantos dos *xapiri* carregam palavras vindas de terras distantes e que ensinam xamãs jovens, ou seja, inexperientes, a beber o pó *yãkoana* com cuidado e construir uma grande casa dos espíritos. Paulatinamente, os xamãs aprendem a chamar os *xapiri* mais antigos para perto de si (KOPENAWA; ALBERT, 2015).

É um longo aprendizado que requer dedicação e paciência, inclusive restrição alimentar e sexual. É preciso estudar muito a *yãkoana* para fazer descer os *xapiri* mais antigos que trazem os conhecimentos dos ancestrais. Alguns deles são mais experientes em cura, tornando-se os preferidos dos xamãs mais velhos. Talvez uma das primeiras lições dadas ao jovem xamã seja de que é necessário que ele persista em sua vontade de se tornar um xamã, uma vez que os efeitos do pó *yãkoana* podem ser assustadores. Caso o xamã não

saiba lidar com esses efeitos, possuído pelo medo, ele pode vir a atrair espíritos maléficos que farão mal não somente a ele quantos aos seus (KOPENAWA; ALBERT, 2015).

Davi Kopenawa vem de um lugar onde a experiência é adquirida com o tempo. Ele diz: “(...) um homem jovem não pode mandar nos mais velhos (...). Quando se é jovem, ainda não se sabe nada. O pensamento é cheio de olvido. É só muito mais tarde, uma vez adulto, que se pode tomar dentro de si as palavras dos antigos. Isso vai sendo feito aos poucos”. Muitos *xapiri* de Davi Kopenawa vieram de seu sogro. Ambos os xamãs que iniciaram Davi Kopenawa, também foram iniciados por xamãs mais antigos e que também receberam os ensinamentos dos xamãs anciãos. A passagem da sabedoria xamânica é transmitida de geração em geração por anos e anos. O filho de *Omama* deu origem ao cordão umbilical que é o elo entre o primeiro xamã até ao último, isto é, àquele que está por vir. Esse cordão é nutrido pelos cantos dos *xapiri* que trazem a sabedoria da floresta (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 376).

Essa sabedoria pode ser acessada tanto pelo pó *yakoana* soprado nas narinas quanto, durante à noite, no tempo do sonho. A narrativa xamânica é alimentada pelo mundo onírico, uma das fontes de sabedoria da qual o xamã se nutre. Para tal, a escuta noturna se faz necessária. É durante o sono que o xamã Davi Kopenawa vê os espíritos e se prepara para ouvir o que eles têm a dizer. A viagem noturna permite a saída de um lugar para o outro. Contudo, não é necessário adormecer para realizar esta passagem. De acordo com Davi Kopenawa, é na escuridão da noite que é possível ouvir com mais clareza. É, à noite, que Davi Kopenawa gosta de dialogar com os seus.

Escutamos o som das palavras que nos são dirigidas, mas as esquecemos com facilidade. Durante a noite, ao contrário, as palavras ditas em *wayamuu* ou em *yāimuu* vão se acumulando e penetram no fundo de nosso pensamento. Revelam-se com toda a clareza e podem ser efetivamente ouvidas. É por essa razão que, no começo, eu preferia dialogar assim na escuridão, para falar aos nossos grandes homens de coisas de muito longe que eles ainda não conheciam. Desse modo, minha iniciativa não os deixava contrariados (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 378).

Benjamin (1987, p. 198) foca na figura do ancião como fonte de sabedoria. Sabedoria essa que é adquirida com o tempo, diferentemente do conhecimento adquirido através do estudo. A troca de experiências se dá pelo ato de contar histórias. A faculdade de intercambiar experiências no mundo moderno, que tende a um completo desaparecimento,

era o que possibilitava o aprendizado. Os homens que deixaram de escutar uns aos outros não mais podem acumular narrativas que enriquecem sua alma de conhecimento. A primeira guerra mundial evidenciou ainda mais esse empobrecimento ao que concerne a experiências comunicáveis: “No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos dos campos de batalhas não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável. E o que se difundiu dez anos depois, na enxurrada de livros sobre a guerra, nada tinham em comum com uma experiência transmitida de boca em boca”.

A herança da fala consiste na passagem das palavras que, um dia, saíram da boca de um xamã para outro. Essa experiência transmitida de boca em boca é construída de dentro de casa para fora. Para se adquirir a sabedoria da ancestralidade yanomami é preciso ter paciência, uma vez que não se ocupa o lugar do outro da noite para o dia. Ainda que Davi Kopenawa, sendo novo, já andasse mundo afora proferindo as palavras ouvidas dos espíritos da floresta, aprendeu que não poderia repeti-las indistintamente dentro de sua própria casa.

Era assim, naquela época. Os meus já sabiam que eu fazia ouvir minhas palavras sobre nossa terra entre os brancos, muito longe de nossa floresta. No entanto, em nossa casa, em *Watoriki*, me diziam: “Mais tarde, quando tiver ficado mais velho, você poderá, se quiser, aconselhar-nos com suas palavras de *hereamuu*. Por enquanto, contente-se em nos fazer ouvi-las durante os diálogos *wayamuu* e *yãimuu*. É bom assim!”. Entre nós, acontece desse modo. É depois de ganhar idade e adquirir sabedoria que um homem pode começar a arengar os habitantes de sua casa (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 379).

Aconselhar com as palavras de *hereamuu* só cabe aos grandes homens. As palavras de *hereamuu* são usadas durante as cerimônias e discursos formais dos grandes homens. Interessante notar que não existe uma idade a ser alcançada ou uma experiência vivida para que se possa dizer que esta pessoa ou aquela se tornou um grande homem e daí que ela use as palavras *hereamuu*. Não se trata de um título, mas sim, de uma conquista. Este lugar é conquistado dia a dia, por meio de tentativas. O homem não saberá se ele se tornou um grande homem até o momento em que ele fale e suas palavras sejam acolhidas. É pela via da tentativa que Davi Kopenawa começa a fazer uso das palavras *hereamuu*: “Hoje, às vezes tento falar em *hereamuu*. Se as pessoas de minha casa começam a prestar atenção no que digo, continuo. Senão, volto a emudecer e fico quieto na minha rede. Até agora, não falei desse modo muitas vezes” (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 379).

Como se sabe, é a partir do capítulo 17, “Falar aos Brancos”, que Davi Kopenawa conta-nos acerca de suas interações com os brancos. Davi Kopenawa decide sair de sua terra e viajar para denunciar o extermínio de seu povo e do território yanomami, invadido por estranhos que ignoram suas tradições e costumes. É o início da terceira e última parte do livro intitulada “A Queda do Céu”. As primeiras viagens de Kopenawa se dão pelo Brasil, seguidas por viagens à Europa e aos Estados Unidos. Tais viagens lhe dão um novo repertório de histórias que lhe servirão quando voltar para sua casa e falar aos seus. “E quando eu tiver ficado mais velho ainda, será a minha vez de contar aos mais jovens o que conheci desde a infância. Falarei de todos os brancos que encontrei e de tudo o que vi em minhas viagens a lugares distantes. Desse modo, terão mais conhecimento das coisas” (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 380).

Há uma ideia popular difundida pelo senso comum que remete a dormir em estado de alerta, isto é, dormir com um olho aberto, outro fechado. No caso do povo yanomami, é necessário estar adormecido para que a escuta aconteça.

Os grandes homens arengam as pessoas de suas casas durante a noite e elas, mesmo que permaneçam em silêncio e pareçam estar dormindo, escutam com atenção. Ao nascer do dia, seu espírito desperta e dizem a si mesmas: “Haixopë! Aquelas eram boas palavras! Vamos responder seguindo os seus conselhos!” (...) Assim, quando um grande homem acorda, antes do amanhecer, na hora do orvalho, pode enumerar em *hereamuu* as antigas florestas onde seus pais e avós viveram, descendo aos poucos das terras altas. Evoca o lugar onde nasceu e aqueles onde cresceu (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 382).

Todas as noites, o sono dos grandes homens yanomami é embalado pelas palavras *hereamuu* que chegam aos seus ouvidos. Essas palavras vêm de longe, das antigas florestas, dos povos originários que ali viveram. Davi Kopenawa afirma que as palavras de seus pais e avós até o início de suas viagens, nunca haviam saído da floresta. Davi Kopenawa deu um passo além ao que seus antepassados deram ao decidir levar as palavras de seus ancestrais para os brancos. No entanto, sabe-se que a iniciativa de Davi Kopenawa foi motivada pela raiva provocada pelos brancos ao destruir sua terra e seu povo. Em vez de Davi Kopenawa declarar guerra contra seu inimigo, ele decidiu conscientizá-lo por acreditar que a causa de toda destruição que o homem provoca não somente à mãe Terra, como aos seus semelhantes e a si mesmo é a ignorância.

Benjamin acredita que a sabedoria conquistada pelos grandes homens se dá a partir do compartilhamento de experiências. Talvez tenha sido com esse propósito que Davi Kopenawa tenha decidido contar a história de seu povo para os homens brancos, o que lhes traria a sabedoria que lhes falta e os tiraria do mundo da ignorância no qual estão submersos. Acerca do tipo de contadores de histórias, há dois tipos, a saber:

A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presentes esses dois grupos. ‘Quem viaja tem muito o que contar’, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do país e que conhece suas histórias e tradições (BENJAMIN, 1987, p. 198 - 199).

Em um primeiro momento, poderia se dizer que Davi Kopenawa, que antes ocupava a posição de um contador de histórias que conhecia suas histórias e tradições, passa a representar a figura do narrador que viaja muito e quando volta tem muitas histórias para contar a seu povo. No entanto, tais afirmações não nos são suficientes se considerarmos que Davi Kopenawa é um grande homem, indígena contador de histórias (ou ainda contador de histórias indígenas?), que também é xamã. Neste ponto, sabe-se que Davi Kopenawa já transitava por outros lugares muito tempo antes de sair de sua terra. Em visita a Nova Iorque, por exemplo, Davi Kopenawa faz mais um reconhecimento de território do que uma descoberta em si, uma vez que os espíritos já haviam o levado para terras distantes em seus sonhos. “Antes de conhecer a terra dos antigos brancos, viajei algumas vezes até ela em sonho, para muito longe da floresta, e pude assim contemplar durante o sono a imagem de suas cidades” (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 422).

Ao chegar na cidade grande, Davi Kopenawa continua a sonhar todas as noites com os espíritos, que foram levados com ele para a longa viagem para protegê-lo. Ele também sonha com os espíritos dos brancos, que clamam por ajuda uma vez que os brancos não sabem mais ouvi-los. A cada viagem que Davi Kopenawa faz, ele vira outro e volta transformado à sua terra natal. Como se sabe, Davi Kopenawa não escolheu falar aos brancos para criar laços de amizade, mas, talvez para aliviar a raiva que sente pelos danos provocados pelos homens brancos em seu mundo. Ser obrigado a falar aos brancos lhe impõe um desafio diferente do que falar para os seus: “Busco palavras muito antigas. Nem sempre são as que ouvi da boca de meus pais e avós. São palavras que vêm do primeiro tempo, mas que, apesar

disso, vou buscar no fundo de mim. (...) Por isso hoje eu busco palavras poderosas, para dizer o quanto tudo isso me deixa com raiva” (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 435).

Davi Kopenawa, ao ter vivências em terras tão distantes, passa minimamente a entender o porquê dos brancos terem tanta dificuldade em ouvir. Ouvir requer silêncio. “O barulho contínuo e a fumaça que cobre tudo impedem de pensar direito. Deve ser mesmo por isso que os brancos não conseguem nos ouvir”, afirma Kopenawa (2015, p. 435). Adoecido, fraco e sem energia da viagem a terras distantes, custa-lhe um tempo para recuperar-se e se restabelecer ao retornar para casa.

O fato de Davi Kopenawa passar a viajar, agora no mundo físico, para a terra dos brancos e, obviamente, ter muito o que contar, não exclui ou substitui o fato de que ele ainda assim possui e continua a receber ensinamentos sobre sua ancestralidade, sua terra. Inclusive Davi Kopenawa, como ele mesmo afirma diversas vezes, ainda necessita estudar muito a *yãkoana* para atrair espíritos curandeiros para salvar seu povo dos males e das epidemias dos brancos (*xawara*). Trata-se de um trabalho árduo e contínuo que não tem fim.

É por tudo isso que quero viver na floresta, como fizeram meus antepassados antes de mim. Sou neto deles e quero seguir suas pegadas. Às vezes imito a língua dos brancos e até possuo algumas de suas mercadorias. Não tenho, porém, desejo algum de me tornar um deles. Em suas cidades não é possível conhecer as coisas do sonho. Nelas não conseguem ver as imagens dos espíritos da floresta e dos ancestrais animais (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 437).

Ao contrário do que pensam muitos brancos, Davi Kopenawa não tem nenhum desejo de viver nas grandes cidades ou de trazer mercadorias ou algum dos costumes dos brancos para seu povo, sua terra. Suas viagens se fazem por necessidade e Davi Kopenawa transita entre os dois tipos de contadores de histórias apontados por Benjamin. Em outras palavras, Davi Kopenawa, como um xamã, contador de histórias indígena, ensina a Benjamin acerca dessas duas figuras de contadores de histórias citadas por ele, uma vez que é possível transitar entre elas com fluidez, isto é, a transição entre essas duas posições é permanente.

O que permite uma maior fluidez entre os contadores de histórias benjaminianos é a velhice. A ideia da chegada da experiência está muito ligada ao passar do tempo. Assim foi com Davi Kopenawa e com tantos outros que vieram antes dele e será para os próximos que virão. Se considerarmos que a sabedoria é uma conquista carregada de autoridade, na cultura yanamoni, essa autoridade é conquistada com o tempo. A noção temporal é, de fato, muito marcante no que se refere à sabedoria, que só pode ser adquirida com o passar do tempo, via

experiência e, conseqüentemente, compartilhamento dessa experiência. No entanto, parecemos que esta herança está perdida entre os brancos devido à urgência da informação que só vale enquanto nova. A questão que nos resta investigar é a tessitura das narrativas indígenas, sobre o que elas nos falam, ou melhor, o que elas podem nos ensinar acerca da arte de narrar?

A tessitura da narrativa indígena yanomami

Um dos primeiros ensinamentos que Davi Kopenawa passa para os mais jovens é o fortalecimento do senso de coletividade entre eles. Esse senso de coletividade se faz necessário para que haja uma luta consciente contra quem são os verdadeiros inimigos dos yanomamis: os devastadores de suas terras. Nas palavras de Davi Kopenawa (2015, p. 381) “O que eu quero é que mostremos nossa valentia sobretudo nos defendendo contra os que querem devastar nossa terra. São eles nossos verdadeiros inimigos! Nós, habitantes da floresta, somos a mesma gente, devemos ser amigos!”

Ao passar a conviver no mundo dos brancos, Davi Kopenawa reforçava ainda mais a coletividade entre os seus. Mais do que defender sua terra, era parte de seu dever conscientizar os outros que também o fizessem. A raiva tornava-se o alimento principal para a valentia que crescia em Kopenawa. Falar tanto aos seus quanto aos brancos era preciso. Entretanto, a questão principal é a de que, Davi Kopenawa deveria repassar as palavras que recebeu de seus antepassados ao falar aos seus, concentrando-se nos ensinamentos que percorrem a mata, rios e montanhas. Em outras palavras, Davi Kopenawa entoaria palavras de valentia que são passadas de geração em geração em sua terra. Já aos brancos, Davi Kopenawa deveria lembrá-los a lição que outrora eles haviam esquecido ou ignorado que é a ideia de que somos todos um. É fato que os grandes homens brancos vivem no esquecimento: “Minha intenção era dizer a eles o quanto, apesar de seu engenho para fabricar mercadorias, o pensamento de seus grandes homens está cheio de esquecimento. Se assim não fosse, por que iriam eles querer destruir a floresta e nos maltratar desse jeito?” (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 383 - 384).

Ailton Krenak (2019, p. 7), em *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019), contesta a ideia de humanidade baseada numa concepção de ‘verdade’ dada pelos homens brancos europeus. Ele diz: “Como é que, ao longo dos últimos 2 mil ou 3 mil anos, nós construímos a ideia de humanidade? Será que ela não está na base de muitas das escolhas erradas que fizemos, justificando o uso da violência?”

Para começar, Ailton Krenak argumenta que a partir do momento em que os brancos europeus acreditaram possuir uma ‘verdade’, conseqüentemente, os que pensassem diferente, possuiriam uma ‘mentira’. A segregação entre povos talvez seja um dos problemas mais cruéis que essa relação entre verdade e mentira nos causa até hoje, apenas para citar um deles. Além da separação entre povos, a separação entre homem e natureza também se consolidou.

Em *Ideias para adiar o fim do mundo*, título provocativo dado por Ailton Krenak, é proposto que vejamos o Rio Doce, ou melhor, o avô *Watu*, como uma pessoa e não como um recurso, uma vez que tal separação, ainda que cercada pelo mito da sustentabilidade, nos leva a um único lugar, isto é, ao fim. Ailton Krenak propõe adiar o fim do mundo contando sempre mais uma história, ao estilo de Sherazade em *As Mil e umas Noites*.

(...) fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza. (...) Tem mãe, pai, filho, tem uma família de montanhas que troca afeto, faz trocas. E as pessoas que vivem nesses vales fazem festas para essas montanhas, dão comida, dão presentes, ganham presentes das montanhas. Por que essas narrativas não nos entusiasmam? Por que elas vão sendo esquecidas e apagadas em favor de uma narrativa globalizante, superficial, que quer contar a mesma história para a gente? (KRENAK, 2019, p. 10)

Talvez um ponto importante na fala de Ailton Krenak, que aqui deve ser destacado, refere-se ao que entendemos como Humanidade baseada em narrativas globalizantes. É preciso que deixemos de lado a ideia de que a globalização com toda sua uniformidade é natural. “Ela suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos. Oferece o mesmo cardápio, o mesmo figurino e, se possível, a mesma língua para todo mundo” (KRENAK, 2019, p. 12).

Para sairmos da uniformidade cultural global, Ailton Krenak nos propõe a abertura para narrativas enriquecidas de afeto entre o homem e a natureza. Em vez de colocarmos a Natureza como morta, ela deve ser reverenciada viva, uma vez que Mãe-Terra é um organismo vivo e que responde às atrocidades do homem à altura (vide mundo pandêmico no qual estamos hoje). Por falar em altura, Ailton Krenak diz que é necessário aprender a cair. De preferência, soltar-nos das alturas com um paraquedas colorido para alçarmos novas

visões e sonhos de outros mundos. Uma das narrativas recomendadas por Ailton Krenak é a de Davi Kopenawa:

Davi Kopenawa ficou vinte anos conversando com o antropólogo francês Bruce Albert para produzir uma obra fantástica, chamada *A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami*. O livro tem a potência de mostrar para a gente, que está nessa espécie de fim dos mundos, como é possível que um conjunto de culturas e de povos ainda seja capaz de habitar uma cosmovisão, habitar um lugar neste planeta que compartilhamos de uma maneira tão especial, em que tudo ganha um sentido. As pessoas podem viver com o espírito da floresta, viver com a floresta, estar na floresta. Não estou falando do filme *Avatar*, mas da vida de vinte e tantas mil pessoas — e conheço algumas delas — que habitam o território yanomami, na fronteira do Brasil com a Venezuela. Esse território está sendo assolado pelo garimpo, ameaçado pela mineração, pelas mesmas corporações perversas que já mencionei e que não toleram esse tipo de cosmos, o tipo de capacidade imaginativa e de existência que um povo originário como os Yanomami é capaz de produzir (KRENAK, 2019, p. 13).

Certamente, se dia após dia, os brancos tivessem a oportunidade de ouvir umas das histórias contadas por Davi Kopenawa acerca da criação do mundo, de sua relação com a natureza e seus antepassados, seria possível adiar o fim do mundo, isto é, evitar a queda do céu. Davi Kopenawa foi encarregado pelos grandes homens de sua casa a contar histórias. “Ouvir essas boas palavras me deixou feliz. (...) Dizia a mim mesmo: “Está bem! Vou defender a nossa floresta! Falarei aos brancos com força, sem ter medo de fazê-los escutar minhas verdadeiras palavras!”, confessa Davi Kopenawa; Bruce Albert (2015, p. 384).

Benjamin (1887, p. 200), ao debater a natureza da narrativa tradicional, afirma que ela terá sempre uma função utilitária, seja ela uma moralização ou uma sugestão, por exemplo. “Ela tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos”.

O indivíduo moderno afasta-se da narrativa tradicional ao ficar impossibilitado em dar conselhos ou recebê-los, pois, cada vez mais, volta-se para sua interioridade. De tal modo que “escrever um romance significa, na descrição de uma vida humana, levar o incomensurável a seus últimos limites.” Desta forma, podemos definir a posição do narrador no romance como aquele que está voltado para o sentido da vida e, na narrativa tradicional,

como aquele que conta histórias com o propósito da moralização (BENJAMIN, 1987, p. 201).

Refletindo acerca das concepções debatidas por Benjamin (1987), percebe-se que o intercâmbio de experiências se extingue na medida em que a estrutura do romance se modifica, pois as narrações não detêm mais o caráter moral, visto que este narrador se limita ao seu mundo ao perder a capacidade de compartilhar suas experiências. O romancista se sente isolado do mundo. No entanto, tal isolamento é proposital. Ocorre que o homem moderno, em grande e importante parte de sua vida, concentra seu tempo muito mais dormindo, pensando, lendo, ou seja, em atividades extremamente individuais ao invés de sociais que dão lugar ao compartilhamento de experiências. As relações humanas deixaram de ser prioridade para ele, apesar de sua ânsia por ideias, sonhos, imaginações e, obviamente, por poesia. Enquanto o romancista, isolado, busca o sentido da vida, o contador de histórias revela a moral da história. “Quem escuta uma história está em companhia do narrador; mesmo quem a lê partilha dessa companhia. Mas o leitor de um romance é solitário. Mais solitário que qualquer outro leitor (...)” (BENJAMIN, 1987, p. 213).

A verdade é que não se fala só. Fala-se para ser ouvido. Há a necessidade de uma escuta, de uma companhia. Vivendo num mundo de ausências, como bem descrito por Ailton Krenak (2019, p.13), falta lugar para a troca de experiências na vida dos homens brancos: “o prazer de estar vivo, de dançar, cantar. A humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida.” Nesse sentido, como Davi Kopenawa poderá ser ouvido por homens tão solitários, vazios de experiência coletiva?

Talvez o que Benjamin não soubesse é que os yanomamis têm criatividade o suficiente para driblar essa ausência provocada pelo mundo moderno. Ao ser tornar “um xamã e porta-voz Yanomami contemporâneo”, Davi Kopenawa recebeu a força ancestral que propiciou o empoderamento de suas palavras, como ele mesmo afirma a seguir:

Antigamente, os brancos falavam de nós à nossa revelia e nossas verdadeiras palavras permaneciam escondidas na floresta. Ninguém além de nós podia escutá-las. Então, comecei a viajar para que as pessoas das cidades por sua vez as ouvissem. Onde podia, espalhei-as por suas orelhas, em suas peles de papel e nas imagens de sua televisão. Elas se propagaram para muito longe de nós e, ainda que acabemos desaparecendo mesmo, continuarão existindo longe da floresta. Ninguém poderá apagá-las. Muitos brancos agora as conhecem. Ao ouvi-las, começaram a pensar: “Foi um filho dos antigos habitantes da floresta que nos falou. Ele viu com seus próprios olhos os seus parentes arderem em febre e seus rios se

transformarem em lamaçais! É verdade!”. Nossas palavras para defender a floresta nos foram dadas por *Omama* (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 389).

A tessitura da narrativa yanomami está recheada de palavras de *Omama*, de seu filho, que foi o primeiro xamã e dos espíritos *xapiri*. Enquanto os brancos aprendem palavras lendo livros, na escola, o povo yanomami apreende as palavras ouvindo os grandes homens. O aprendizado yanomami é um aprendizado que vem da escuta e não da leitura. A lei e governo yanomamis são transmitidos pelas imagens que chegam todas as noites aos sonhos dos grandes homens ou durante os discursos xamânicos embevecidos pelo pó *yakoãna*.

As narrativas yanomami nos propõe outra forma de enxergar o mundo, para fazer as pazes com a natureza, nos aproximar dela com outro olhar que não da comercialização. De fato, o homem branco, que vive no esquecimento, perdeu a capacidade de ouvir, que um dia tivera. Tal constatação foi confirmada pelo próprio Davi Kopenawa ao chegar à terra dos europeus brancos em visita à Inglaterra em 1989. Assim que chegou ao estrangeiro, muitos espíritos antigos da região se aproximaram de Davi Kopenawa pedindo-lhe que os fizessem dançar.

Em visita ao conjunto megalítico Avebury e Stonehenge em 1991, Kopenawa ficou surpreso, porém, não decepcionado ao descobrir que os homens brancos, apesar de toda tecnologia que possuem, não sabem como os antigos construíram tais monumentos. Tais monumentos, inclusive, muito se assemelham às casas coletivas yanomamis. Persuadidos pelas palavras de Teosi, os brancos, pouco a pouco, deixaram de ouvir as palavras de seus espíritos antigos. Nesse sentido, seria possível dizer que a ignorância dos brancos está diretamente relacionada ao esquecimento de seu passado. Leiamos:

Assim, as palavras de raiva de *Teosi* se espalharam por toda parte e expulsaram os cantos dos *xapiri* dos pensamentos dos antigos brancos. Suas mentes ficaram confusas e obscurecidas, sempre em busca de novas palavras. No entanto, os espíritos daquelas terras distantes não morreram. Continuam morando nas montanhas que *Omama* lhes deu como moradia e descem de lá apenas para os xamãs capazes de vê-los (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 402).

Para se ter uma ideia, o monumento neolítico de Avebury data de 5.000 anos atrás. Já o monumento de Stonehenge provavelmente foi construído por volta do ano 2500 aC. Seria quase que uma tarefa impossível definir quando a experiência xamânica do homem

branco europeu se extinguiu como um todo. No entanto, se fizermos o exercício de olhar para um passado bem mais próximo e mencionar um processo histórico que afetou decisivamente a vida do homem comum, poderíamos apontar para sua transição efetiva do campo para a cidade. Com o êxodo rural e o início da Revolução Industrial na Inglaterra, iniciada no final do século XVIII, grandes transformações no modo de vida foram estabelecidas.

De acordo com Benjamin (1987, p. 204), com a consolidação da burguesia, no alto capitalismo, o surgimento da informação influenciou não somente a forma épica como também o próprio romance, ainda que este último tenha sido beneficiado com a chegada da imprensa que efetuou sua propagação. Benjamin culpabiliza a difusão da informação como uma das causas do declínio da narrativa tradicional. Ainda que tenhamos acesso à informação de todos os lugares do mundo a qualquer tempo, as notícias que chegam a nós são empobrecidas de histórias surpreendentes. Em outros termos, Benjamin defende a ideia de que a informação não contém sabedoria. “Muito diferente é a narrativa. Ela não entrega. Ela conversa suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver”.

Se a narrativa é dotada de sabedoria justamente porque ela não se entrega, evita explicações, é preciso estar em companhia de quem as narra para poder ouvi-las. Neste sentido, é possível inferir que a falta de sabedoria dos homens brancos está ligada não somente ao esquecimento de sua ancestralidade como também a uma espécie de rejeição a tudo aquilo que deixa de ser novidade. Essa rejeição se retroalimenta diariamente com informações novas que nos chegam a todo momento.

O fascínio pela informação somente enquanto nova, dado pela lógica da mercadoria, ou ainda, o fascínio pela mercadoria que somente perdura enquanto nova, dado pelo advento da informação – definir quem veio primeiro seria o mesmo que dizer quem chegou antes foi o ovo ou a galinha – nos dá alguma pista da causa da surdez que permeia a sociedade do homem branco e que é a causa de sua ignorância. “Por quererem possuir todas as mercadorias, foram tomados de um desejo desmedido. Seu pensamento se esfumou e foi invadido pela noite. Fechou-se para todas as outras coisas”, revela Davi Kopenawa (2015, p. 407).

Não é de se estranhar que a sociedade burguesa tenha repellido o espetáculo da morte a todo custo. Todavia, para Benjamin (1987, p. 207), é justamente no momento da morte em que as palavras dos homens são transmissíveis uma vez que são deixadas como herança.

Assim ele afirma: “(...) é no momento da morte que o saber e a sabedoria do homem e sobretudo sua existência vivida – e é dessa substância que são feitas as histórias – assumem pela primeira vez uma forma transmissível”.

Na cultura yanomami, a herança é dada pela palavra, não pela mercadoria. Jeanne Marie Gagnebin em *História e Narração em W. Benjamin* (1999) traz perguntas fundamentais a narrativas orais como: o que é contar uma história? Ou ainda, por que se conta uma história? No capítulo “Não contar mais”, ela revela a preocupação de Benjamin sobre o declínio da troca de experiências, ou melhor, da narração tradicional com a chegada, pelo o que se entende, dos tempos modernos. A incapacidade de contar do homem moderno se evidenciou ainda mais em momento pós primeira guerra mundial.

Essa capacidade de narrar foi perdida a partir do isolamento do homem moderno, que deixou de trocar experiências coletivas para experiências no âmbito individual. Esses homens passaram a colecionar, no interior de suas casas, não somente mercadorias, como também, animais e pessoas. O homem do campo, que cultivava alimentos, passou a cultivar quase que exclusivamente relações com sua esposa, seus filhos, animais domésticos e objetos pessoais. Vejamos o que diz Jeanne Marie Gagnebin:

Despossuído do sentido da sua vida, o indivíduo tenta, desesperadamente, deixar a marca de sua possessão nos objetos pessoais: iniciais bordadas num lenço, estojos, bolsinhos, caixinhas, tantas tentativas de repetir no mundo dos objetos o ideal de moradia. Benjamin observa com humor que o veludo não é por acaso um dos materiais preferidos desta época: os dedos do proprietário deixam nele, facilmente, seu rastro (GAGNEBIN, 1999, p. 60).

Enquanto os homens brancos estão preocupados em acumular mercadorias ao longo da vida produtiva, os yanomamis doam tudo o que têm porque sabem que seus verdadeiros bens vêm da floresta. Na corrente contrária citada por Jeanne Marie Gagnebin, na cultura yanomami, todos os objetos tocados pelo falecido yanomami devem ser destruídos. “Logo depois que uma pessoa morre, como eu disse, seus próximos começam a destruir tudo o que ela possuía ou tocava quando em vida”. O que lhe restará serão somente “palavras elogiosas a respeito desse grande homem” que serão difundidas florestas adentro (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 409 - 415).

Seria possível afirmar que ambas as formas de herança, seja pela mercadoria, seja pela palavra, não deixam de ser uma luta contra o esquecimento, dado pelo tempo, que é

implacável. Entretanto, somente uma delas semeia o senso de coletividade. Trata-se da herança da palavra, uma vez que é somente na reminiscência “que [se] transmite os acontecimentos de geração em geração (BENJAMIN, 1987, p. 211).

Dado este ponto em que debatemos a tessitura da narrativa yanomami e uma das possíveis causas da surdez coletiva dos homens brancos, se faz necessário evocar um dos conselhos dados por Davi Kopenawa em *A Queda do Céu* que diz: “Se os brancos pudessem, como nós, escutar outras palavras que não as da mercadoria, saberiam ser generosos e seriam menos hostis conosco. Também não teriam tanta gana de comer nossa floresta” (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 412 - 413). Se considerarmos a linguagem de resistência e apelo de Kopenawa, como o conselho do xamã yanomami ganha uma nova potência, uma vez que suas palavras carregam a urgência de serem ouvidas?

A potência do conselho yanomami

É uma tarefa difícil definir a textualidade yanomami. Ao mesmo tempo, não se faz necessário saber exatamente do que se trata para ser atravessado, tocado por ela. No prólogo escrito por Bruce Albert, ele afirma: “Este livro, ao mesmo tempo relato de vida, autoetnografia e manifesto cosmopolítico, convida a uma viagem pela história e pelo pensamento de um xamã yanomami (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 43).

Dada a natureza do convite, uma vez feito, cabe a nós, leitores, aceitarmos ou não. Não haverá punições ou sanções caso não queiramos seguir viagem. Porém, caso embarquemos nesta aventura, devemos não somente ouvir as palavras de Davi Kopenawa, como também, passá-las adiante. Essa transmissão se faz, inclusive, condição essencial para que Bruce Albert possa adentrar no território yanomami e passar a ouvir as palavras de Davi Kopenawa. “Davi Kopenawa quis, desde o início de nossa colaboração, que seu testemunho atingisse a maior audiência possível” (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 43).

Com um voto de confiança, Bruce Albert devia, em um primeiro momento, colher as palavras de Davi Kopenawa e, em um segundo momento, semeá-las para que os frutos fossem colhidos no futuro. “O projeto deste livro, que Davi Kopenawa me pediu que escrevesse para divulgar suas palavras, só pôde se concretizar graças a essa confiança e parceria” (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 49).

Após horas e horas de conversa ao longo de 30 anos, que rendeu uma longa amizade de mais de 40, foram gravadas as palavras yanomami em mais de 736 ‘peles de papel’. Bruce

Albert declara a sensação de dever cumprido, com a esperança de que, de fato, as palavras do xamã yanomami tenham sido levadas para longe. Assim, ele diz: “(...) espero ter honrado o melhor que pude a tarefa de que ele me incumbiu, de fazer com que suas palavras fossem ouvidas e tivessem efeito em nosso mundo” (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 51).

Retomando a ideia de benjaminiana acerca da narrativa tradicional, a morte se consagra como um passo importante para a efetivação da transmissão do saber, tendo em vista que é o momento em que essas narrativas ganham autoridade: “A morte é a sanção de tudo o que o narrador pode contar. É da morte que ele deriva sua autoridade. Em outras palavras: suas histórias remetem à história natural” (BENJAMIN, 1987, p. 208). Mais adiante, ele complementa a ideia ao afirmar:

Comum a todos os grandes narradores é a facilidade com que se movem para cima e para baixo nos degraus da experiência, como numa escada. Uma escada que chega até o centro da terra e que se perde nas nuvens – é a imagem de uma experiência coletiva, para a qual o mesmo o mais profundo choque da experiência individual, a morte, não representa nem um escândalo nem um impedimento” (BENJAMIN, 1987, p. 215).

Em se tratando de uma experiência coletiva, a morte não é o fim desse compartilhamento de experiências, mas, sim, o começo da transmissão de tudo aquilo que um dia fora dito pelo contador. Davi Kopenawa, contudo, não pode esperar a hora da morte para que suas palavras possam ser levadas para longe. Ele, pelo contrário, busca, de diferentes maneiras, que suas palavras sejam escutadas pelos brancos no momento presente. Criar um diálogo com o inimigo, via palavras escritas, ou discursos de *hereammu* feitos em viagens, é essencial para conter a destruição de seu povo e de sua terra. É nessa constante metamorfose de si mesmo, impulsionada pela raiva, que reside a potência das palavras proferidas pelo energético xamã yanomami.

Sabe-se que a escrita, instrumento de colonização, é uma forma de exercer o poder vide visão dicotômica em sociedades com/ sem escrita. Seguindo os passos de Marília Librandi-Rocha (2012) no artigo “Escutar a escrita: por uma teoria literária ameríndia”, este artigo propõe uma articulação entre a textualidade indígena Yanomami e o ensaio benjaminiano para a construção de uma Teoria Literária Ameríndia. Em seu artigo, Librandi-Rocha (2012) ressignifica o gesto dos índios Nambikwaras, visto por Lévi-Strauss como uma farsa, ao sugerir ao antropólogo francês que veja o gesto como força e arte, isto é, o

modelo ameríndio como modelo de potência. Na esteira do Perspectivismo Ameríndio de Viveiros de Castro, o propósito deste artigo é de trazer diferentes realidades para se traçar novos pontos de vistas ao que esteja relacionado à figura do contador de histórias nas discussões da Teoria Literária. Sendo assim, chegou o momento de retomar a proposição lançada no início deste artigo: como Davi Kopenawa, sendo um contador de histórias, dá conselhos, ou senão, ensina a arte de narrar a Walter Benjamin?

De acordo com Benjamin (1987, p. 220), “O trabalho do artesão está intimamente ligado à narrativa dos contadores de histórias.” Isso significa dizer que essas histórias não se baseiam somente na dimensão oral, mas também, corpórea, “A alma, o olho e a mão estão assim inscritos no mesmo campo. Interagindo, eles definem uma prática”. Nesse sentido, é possível dizer que, para Benjamin, a arte de narrar deve ser vista como uma prática. Sendo uma prática, a relação artesanal é intrínseca a ela. Se o trabalho do artesão é feito no aqui e agora, Davi Kopenawa mostra a Benjamin toda sua habilidade ao conseguir criar pontes de contato entre seu mundo não-capitalista e o mundo capitalista dos brancos por meio de suas narrativas cosmogônicas. Davi Kopenawa, portanto, ensina a Benjamin que é possível que a arte de narrar continue a existir entre nós, ainda que vivamos em um mundo capitalista empobrecido de experiência. Davi Kopenawa, como contador de histórias yanomami, faz a tentativa de compartilhar a todo momento suas experiências, ainda que elas não sejam dadas nos moldes que Benjamin esboçou e que não estejamos ainda totalmente aptos a ouvi-las. Em outras palavras, Davi Kopenawa metamorfoseia-se, resiste e persiste em narrar suas histórias sem fim.

No entanto, a automatização do mundo moderno, iniciada pela revolução industrial, parece dificultar a escuta, uma vez que, é necessário estar em companhia, em estado de presença para escutar. Não é à toa que estejamos quase que impossibilitados de tal proeza. Temos sede pela novidade, seja pela chegada da nova mercadoria ou da informação, que nada nos diz. Falta-nos imaginação, criatividade para viver experiências e poder compartilhá-las. Essa ausência de imaginação que nos faz sermos seres ausentes de criatividade, onde “é mais fácil pensar no fim do mundo do que o fim do capitalismo.” Frase comumente atribuída a Jameson e Zizek, que foi reformulada por Mark Fisher, quem acredita que passamos atualmente por uma crise da imaginação, em *Realismo Capitalista* (2009).

Perante a tal crise de imaginação, a intenção deste artigo foi de trazer do mundo ameríndio, lugar das metamorfoses, um novo olhar não somente para a Teoria Literária,

como forma de renovação ao voltar-se para a escrita ameríndia como uma possibilidade de escuta imaginativa de novos mundos. Aqui também é deixado o convite para abriremos nossos ouvidos para as narrativas xamânicas dos povos originários.

As histórias contadas por Davi Kopenawa estão repletas de ensinamentos que nos convidam a seguir outra lógica do pensamento. Um mundo diferente do qual estamos acostumados. O mundo dos *xapiri* segue a lógica do mundo artístico, isto é, não útil. Esse mundo nos propõe um mergulho no mundo dos sonhos, do silêncio. É fato que os homens não sonham nas cidades, onde há muito barulho. Talvez o mundo pandêmico que agora vivemos tenha sido um chamado de Gaia para silenciarmos nossas casas para que seja possível adentrar nesse mundo onírico dos yanomami. E quando esse dia chegar, talvez possamos nos dirigir para outro lugar do pensamento, outra lógica da linguagem, do viver, ao olharmos para a natureza de uma forma diferente, isto é, com afeto. Desse dia em diante, como uma vez proposto por Ailton Krenak, deixaremos de viver do rio para viver em companhia dele.

Referências

BENJAMIN, W. “O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

GAGNEBIN, M. **História e Narração em W. Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A Queda do Céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LIBRANDI-ROCHA, M. Escutar a escrita por uma teoria literária ameríndia. **O eixo e a roda**, Belo Horizonte, v.21, n.2, 2012, p. 179-202.

ZUMTHOR, P. **Introdução à Poesia Oral**. São Paulo: Editora HUCITEC

Artigo recebido em: 12.10.2021

Artigo aceito para publicar em: 11.01.2022